

Parte 2 - Vertentes diferenciadas do comportamento judaico brasileiro

1º capítulo - Identidade e etnicidade

Identidade, cidadania: como se expressa o judaísmo na Amazônia!

Oro Serruya

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SERRUYA, O. Identidade, cidadania: como se expressa o judaísmo na Amazônia!. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 463-476. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Identidade, cidadania: como se expressa o judaísmo na Amazônia!

*Oro Serruya*¹

A identidade é a definição do ser em si mesmo.

No aspecto teológico, a mais antiga referência, é a do próprio Deus. Na passagem bíblica da Sarça Ardente, quando Moisés assistia à moita se consumindo, o Senhor disse: Moisés, Moisés..., eis-me aqui; eu sou Deus, Deus do teu Pai Abraham, Isaac e Jacob. Deus se identificou!

Quando Deus mandou Moisés falar com Faraó para deixar o povo Judeu sair do Egito... Ele pensou: ...Se o faraó me perguntar quem foi que te mandou, como vou explicar? Deus respondeu: Eu sou aquele que sou, que sempre existiu. Isso é identidade.

No aspecto Biológico Humano, ou seja na espécie humana, só existe uma família, e a identidade se caracteriza pelas diferentes etnias.

No aspecto Biológico vegetal, a Árvore que é um ser vivo, sem alma, do reino vegetal, inanimado, se diferencia, pelas várias famílias botânicas.

Assim, o conceito de identidade somente faz sentido quando temos um ente a identificar. No caso um grupo social. Para identificar esse grupo, temos de recorrer a outros dois conceitos sociológicos distintos e interdependentes que são: o conceito de sociedade e o conceito de cultura .

Cidadania, por sua vez, vem da palavra latina – Cívitas – que formou a palavra cidade e significa – “o que vive nas cidades”, o cidadão habitante da cidade, consciente de sua identidade e que trabalha para realizar o Bem comum, que é uma das características do ser humano.

Os antigos latinos diziam – *Serva órđinem et órdo sérvabíté te.* (Respeita a ordem e ela te ajudará)

No Judaísmo encontramos no tratado de Pirke Avot – A Ética dos pais – que diz – “Somos todos responsáveis uns pelos outros”. Este sentido

¹ Arquiteta e ambientalista.

deveria nortear todos os povos, e, neste sentido, a comunidade Judaica da Região Amazônica tem registrado algumas ações e iniciativas em benefício da Amazônia.

A história da comunidade Judaica da Amazônia aparece em livros de Samuel Benchimol, Abraham Bentes e Eidorf Moreira, dentre outros, e o impacto da chegada dos Judeus na Amazônia ocorreu diferentemente da cultura europeia, pois traziam uma bagagem cheia de religiosidade, que diferia dos gregos e romanos, aqueles que influenciaram a cultura europeia, a mesma trazida para o Brasil no início da sua história e que causou impacto com a cultura existente aqui, o que resultou num ambiente onde os personagens principais eram o dominador e o dominado.

Já os judeus se integraram, sem perder sua identidade, provavelmente, por conservarem princípios de justiça e os preceitos da Torah. E assim a Cidadania e Identidade interagem, propiciando a adaptação dos Judeus na Amazônia.

Acontecemos eticamente quando nos relacionamos uns com os outros e os percebemos como portadores de humanidade.

Então, considerando a reunião dessas diferentes culturas, as ideias de cidadania, política, o Estado, Poder, violência, justiça, nos perguntamos: O que mudou? A concepção do mundo, a sociedade. O que não mudou? A Ética que sempre se plantou pelo respeito ao outro.

A Ética nasce com a máxima de D'us, “Ama a teu próximo como a ti mesmo”.

Um dos principais fatores de caracterização de uma sociedade, é a forma interativa, que implica na forma de manifestação de valores nas relações sociais, onde encontramos enfim o conceito de cultura integrado na dinâmica social. Percebemos assim que quando tratamos de identidade de comunidade, estamos nos referindo aos aspectos socioculturais.

Tais características é que vão identificar a comunidade e é assim que o aspecto sociocultural (traços culturais) é o mecanismo identificador. É o parâmetro que nos permite observar o Judeu e afirmar “esse é Judeu”, ou observar um índio e dizer “esse é um índio”.

E dentro do que nós chamamos de identidade sociocultural, temos um elemento eminentemente político que é fundamental para manutenção da estrutura social em qualquer organização.

É um princípio universal que hoje chamamos de cidadania.

A história registra que esses mesmos princípios de urbanidade, de cidadania, de ética, em algumas culturas antigas chegaram a ter um valor superior às normas morais ou religiosas. Violar certos princípios de respeito ao seu semelhante, ao meio ambiente, e até à fauna e à flora chegava a ser mais condenável do que infringir uma norma moral ou religiosa.

No ocidente, foram os gregos que delimitaram a forma da valoração do ético herdada pelos Romanos, e que ainda persiste como base do pensamento ocidental. Mas, se formos avaliar bem, tais princípios são em essência universais, e não estão adstritos às culturas ocidentais. Nós vemos esse mesmo princípio ético de respeito ao semelhante e ao meio em que vive, se olharmos a cultura indiana, recheada de religiosidades, na qual matar qualquer entidade viva é o mesmo que matar um ser humano. Nas culturas das sociedades pré-colombianas e, principalmente, nas culturas indígenas vemos exatamente os mesmos princípios éticos de respeito, de consideração pelo semelhante, pelos animais, pelos rios, pelas florestas, pela sua casa, pela sua vizinhança, e até pelos seus inimigos.

E mesmo nós, integrantes da cultura semita, observamos em tantos preceitos os princípios éticos de respeito como máxima de conduta. Algo como a resposta de Jesus: qual é o maior mandamento? “Amar a Deus sobre todas as coisas”, e acrescentou: “e o segundo é semelhante ao primeiro, amar ao seu próximo como a si mesmo”.

Destacamos esse episódio não por questão religiosa. Mas sim porque a expressão utilizada no mandamento se refere à “Tsedaká” – justiça – que é o mesmo princípio básico de conduta social esculpido em nossas referências mais remotas, ressaltado na Torah, nos Profetas e no Talmud. Todos os grandes sábios e rabinos que discorreram sobre a postura ideal para o convívio em comunidade fizeram referência à Tsedaká.

Assim, podemos relacionar a cidadania judaica, consagrada na Tsedaká, com o mesmo princípio universal de respeito e consideração perante o seu semelhante e ao meio físico e social do qual faz parte.

Lembramos Maquiavel, a introdução da Responsabilidade que é uma configuração social. Esse ensinamento, nós o repassamos para nossas crianças dentro do princípio da tshedaká (justiça), pois quando crescerem não se desviarão dele.

Levíticos 11:1 pág. 193 fala sobre a Kacherut, preceito observado com mais intensidade por 30% da comunidade Israelita no Pará, nos últimos 40 anos, que diz respeito a alimentação de acordo com as leis mosaicas, mas também se refere aos cuidados com o sofrimento dos animais.

Rabi Akivá, um dos mártires da história judaica, que foi morto no século I pelos romanos, determinou até mesmo que é proibido tirar a vida de um animal selvagem sem que lhe seja dado um julgamento justo perante uma corte de 23 juízes, o mesmo direito reservado aos humanos. Sem dúvida isto não foi dito para ser olhado ao pé da letra, mas sim para enfatizar a santidade e a importância de todas as criaturas vivas. O Talmud (chulin, 60b) desencoraja as caçadas especializadas como esporte, colocando-as na categoria das crueldades com animais, prática condenada pela Bíblia, costume também observado pelos Judeus Amazônidas.

De Tu Bishvat “ano novo das árvores” foi fortalecido o sentimento de amor e respeito para com o mundo vegetal; tu Bishvat na comunidade Israelita do Pará é comemorado pelo CISA com a participação de representantes de diferentes credos religiosos, autoridades civis, militares e intelectuais e com rica programação educacional cultural e religiosa.

Aqui nós vamos perceber que a cidadania, enquanto princípio universal, é uma das pilstras da ordem social, da organização de um povo em sociedade, e, conseqüentemente, esse princípio de cidadania é importantíssimo à identidade sociocultural.

Quando um grupo ou um povo pretere, ignora, passa por cima de tais princípios de respeito mútuo e busca dominar ou subjugar a identidade alheia, ou por outro lado, quando se tenta não subjugar o outro, mas submeter a outra ordem, a outra cultura, a outros princípios, abdicando dos ensinamentos de nossos pais, dos nossos ancestrais, dos nossos antepassados, nós acabamos por infectar a identidade sociocultural com o germe da destruição.

É importante ressaltar que a identidade sociocultural, principalmente no caso dos índios e do povo Judeu, não está entre o Kocá e a Kipá, não se

refere estritamente à indumentária, mesmo que o estereótipo também integre o conjunto de valores do seguimento sociocultural, mas sim, e principalmente, na forma e nos padrões de conduta no processo interativo.

Ou seja, como tratam seus semelhantes, seus filhos, vizinhos, amigos, seus inimigos, os desconhecidos, que grau de respeito se tem por cada integrante do meio social considerado.

No vocabulário do povo indígena, não existe posse... não se diz: “a terra é nossa”, não ensinam a competir, ensinam a repartir, e reagem com amor a toda rejeição

No contato com os povos indígenas, nós podemos apreciar tantos outros valores, e eles estão salvaguardando muito bem. A terra, não é vista como objeto de lucro. Para o índio, a terra é mãe, é o lugar vital. Destruir a natureza é destruir o próprio solo. Eles não têm uma visão capitalista, isto é, não se relacionam com a natureza sob a égide da propriedade, do domínio e nem da posse nem de forma predatória, embora esta cultura nos dias atuais esteja em perigo pelos problemas sociais que enfrenta.

No âmbito das comunidades indígenas, não se discute o direito objetivado e codificado na cidadania urbana.

Outro exemplo é o de uma comunidade indígena de uma ilha da Oceania, onde a máxima do valor social deles era a traição. O homem mais valoroso será o mais astuto, que conseguia fazer amizade com outros índios de outras tribos e quando o nível de confiança já estava bastante acentuado ele convidava o amigo para um banquete em sua tribo, mas não lhe dizia que o convidado é que seria o banquete. Eles eram canibais.

Essa conduta já não é seguida nem por eles mesmos, pois uma cultura desprovida de cidadania não tem como subsistir na face da terra. (No caso específico desses índios, é importante informar que a cultura da traição foi implantada naquela comunidade depois de uma experiência, que eles relatam como sendo a “visita do mal personificado”. Antes disso havia cidadania no meio deles).

“A ausência de cidadania faz com que a cultura desapareça”.

Até aqui nós observamos que a identidade sociocultural e a cidadania são elementos importantíssimos para a manutenção da vida em comunidade.

Assim, não é difícil perceber a facilidade de adaptação do judaísmo no cenário amazônico.

A Amazônia no ponto de vista ambiental e cultural é cheia de riquezas, ao lado desta riqueza existe uma degradação da Amazônia ambiental e humana. A pobreza cultural e material atinge todas as classes sociais, o que é um paradoxo diante das suas riquezas.

Existem na região manifestações contra o trabalho escravo, processos de privatização das águas, internacionalização, de divisão do Estado, processo de invasão das terras indígenas.

Todos esses problemas contrastam com a rica diversidade. São problemas resultantes de políticas, e de estrutura patrimonial e burocracia estamental que persiste até hoje.

Toda a economia iria girar em torno do capitalismo mercantil politicamente orientado por interesses de dominação irracionais, interesses particulares. Não havia reinversão. Esta mesma relação seria aplicada ao Brasil, dando início a cultura do saque, uma estrutura de dominação que remonta a Portugal dos séculos X e XII.

A Amazônia globalizou-se antes do Brasil se globalizar. A bandeira do desenvolvimento, levantada pelo capitalismo predatório, transformou o processo de integração da Amazônia ao mundo em triste realidade de entrega deste grande patrimônio às economias mais fortes, detentoras do controle financeiro globalizado.

Seus cidadãos estão preocupados e existe um clamor por uma Amazônia baseada na harmonia cósmica entre a pessoa humana e a natureza, entre todos os povos e todos os seres que nela habitam.

E assim observando a Hileia Amazônica que abrigou em seu seio grande massa judaica, ainda nos perguntamos o que é a Amazônia? Não conhecemos todas suas características e peculiaridades que, apesar da rarefação populacional e do distanciamento de centros Administrativos, representa o gigantismo territorial, onde é impossível descaracterizar ou isolar a presença judaica na constituição da nação brasileira nos trópicos, que se compõe de índios, negros, europeus e outros, além da contribuição desses Judeus nas áreas da ciência, do comércio, e aqueles que se destacam na diversificação da literatura, artes, poesias, entre outras.

Esta presença remonta ao tempo da questionável presença, na região, das naves do rei Salomão, em parceria com os fenícios do Rei Hiran entre 800 e 850 AC, que de acordo com o amazonólogo e folclorista Dr. Camillo Vianna – importante estudioso dos assuntos Amazônicos – daí vem a possível origem da denominação do Rio Solimões.

No princípio, existia a vida plena, havia os rios, as florestas, as várzeas, e seus habitantes aquáticos, terrestres e os pássaros de todas as cores e de todos os cantos, distribuídos por um enorme tapete verde cerrado. Havia, também, seus administradores, nativos que para sobreviver no meio desse ambiente selvagem não possuíam, porém, qualquer selvageria.

Por mais que se tente reproduzir a Mata Atlântica ou outras regiões de floresta fora do centro-norte, nenhuma se compara à densidade e à força impactante da Amazônia.

Ela própria se defende. É incrível como ela não precisa de nós. Nós é que precisamos dela!

Hoje o Corpo de Fuzileiros Navais e o Exército Brasileiro são os mais bem preparados em todo o mundo para sobrevivência na selva. E grandes corporações militares de países desenvolvidos, enviam anualmente dezenas de pessoas para aprenderem com os nossos soldados como sobreviver na selva. E, muitos deles não conseguem terminar o curso. Imaginem os *mariners* norte-americanos, os boinas pretas e outros pelotões de elite desistindo de exercícios de treinamento porque não suportam o ambiente da Floresta Amazônica.

É importante frisar que estamos nos referindo ao ambiente in natura, à mata virgem, à floresta natural. A Amazônia é um lugar bastante habitado, com mais ou menos 20.000.000 habitantes, e não apenas por seres próprios da floresta tropical, mas também por comunidades humanas, organizadas em sociedades com princípios, valores, normas, preceitos e cultura muitos bem elaborados. Portanto, para que a sobrevivência na floresta fosse possível, tornava-se essencial que toda conduta social fosse baseada em cidadania, baseada no respeito mútuo, na urbanidade, integração social e ambiental. E nesse aspecto, todas as comunidades que se estabeleceram na Amazônia foram mais ou menos iguais.

Inúmeras grandes nações indígenas, de troncos linguísticos diversos, habitaram a Amazônia em perfeita harmonia com o meio, sem degradação e sem serem exterminados por ela.

A ocupação da Amazônia pelos colonizadores diferiu do resto do país justamente pela distância dos centros administrativos da colônia. Mas houve momentos de grande salto econômico, após a independência, e, principalmente, na época áurea da borracha, quando Santa Maria de Belém do Grão-Pará começou a tomar ares de grande cidade, para os padrões da época. O desenvolvimento foi tão grande que fomentou até a revolta separatista chamada “revolta dos cabanos”. O avanço econômico atraiu os interesses de muitos investidores estrangeiros, assim como muitos aventureiros, quer seja para fugirem da instabilidade política, quer seja da miséria que crescia na Europa do século XIX, e que buscavam nas Américas alternativas de vida.

Assim a Amazônia foi invadida por diversas culturas.

Com a invasão cultural e a conseqüente miscigenação com os povos locais, os princípios éticos que antes norteavam as relações sociais foram um pouco abalados. Pois a cultura imposta não valoriza a ética e a cidadania como máximas sociais e isso engendrou diversos conflitos. As nações locais começaram a perder sua identidade sociocultural. Hoje temos em torno de 5% apenas da população indígena que havia na Amazônia no início da colonização. E nesses poucos sobreviventes pouco restou dos princípios e valores sociais. Quando muito, valem-se dos estereótipos, que não revelam a essência da postura ética. Tribos como Uai-uai ou os Mundurucu, da região do Tapajós, ou os Menbengôcrê do alto Xingú, ainda são referências locais, mas não se sabe por quanto tempo conseguem resistir à globalização.

Pois bem, nesse cenário de mistura étnica e cultural, chegaram no final do século XIX muitos Judeus do Marrocos, Espanha e Península Ibérica para a região Amazônica. A grande maioria era muito pobre, muito religiosa e muito apegada à tradição. Vinham de uma condição de extrema necessidade e precisavam encontrar um lugar onde pudessem recomeçar a vida.

A adaptação teve percalços normais, mas que não comprometeram a eficácia do processo, principalmente porque as prerrogativas que o local impunha já faziam parte dos valores culturais que os imigrantes traziam na bagagem. Assim como as comunidades indígenas, os primeiros Judeus da

Amazônia trataram com imenso respeito os recursos que a terra lhes oferecia. E assim, foram bem aceitos por ela.

Sobreviver na Amazônia dependia apenas de predisposição para o trabalho e respeito, muito respeito pelas raízes locais. Em sua maioria, como os demais semitas que migraram para lá naquela época, eram mercadores, e aos poucos foram se organizando em comunidade.

Diante dessa realidade, surgiu nesse século, na Amazônia um movimento de retorno às raízes da cidadania universal, preconizada nos princípios éticos judaicos. Diversos eventos e projetos voltados à educação ambiental, à produção cultural, à pesquisa de alternativas para melhoria da qualidade de vida da população têm sido implementados e apoiados pela comunidade judaica na Amazônia.

E nesse cenário tem tido um destaque muito significativo o Congresso Internacional Israelita de Sociosfera na Amazônia, o CISA, concebido e sediado em Belém, no Pará. Dedicar-se a estudos profundos dos problemas inerentes a Amazônia, a sua contextualização no cenário nacional e internacional em busca de incessantes alternativas para proporcionar e consolidar o crescimento e o desenvolvimento regional aproveitando o potencial humano que nela habita.

Quando os Judeus da Amazônia se identificam como uma pequena comunidade, a sociedade em geral não acredita. Tem a impressão que são muito mais numerosos. Assim como o grande número de descendentes que ainda trazem alguns sinais de identificação. Isto se deve a que a maioria deles pertence à classe média e é frequente encontrá-los em ambientes de atividades acadêmicas, recreacionais e culturais, profissionais e empresariais e incorporados a atividades de relevância regional e nacional.

Devemos reconhecer a contribuição de destacados indivíduos de origem judaica por seu espírito empreendedor ao acervo cultural, nacional, na ciência e na indústria desta nação, como David José Perez e Jaime Jacinto Aben Athar.

Porém, o ente coletivo Judeu pela sua obstinação em conservar suas características diferenciadas e pelo seu esforço por manter viva suas tradições e costumes ancestrais, constitui para os outros Amazônidas motivo de incompreensão. Sentem-se desconfortáveis pela sua persistência em casarem

entre si, e sentem como se fosse uma rejeição a sua amazonilidade. Como se não fosse seu desejo incorporarem-se cabalmente na vida nacional.

O povo Judeu nunca gostou do exílio, sua disposição é de encontrar um lugar onde possa sentir-se em casa, terminar o largo itinerário na busca de um lugar seguro para viver com liberdade. Por tudo isso ele, muito rapidamente, se adapta, sente como sua a terra ancestral que lhe dá refúgio e, em pouco tempo de estabelecido, ele demonstra seu amor e já arrisca sua vida por ela.

Lamentavelmente, nem sempre esta é uma relação correspondida. Existem aqueles que por ciúmes e desconfianças divulgam o temor de que os Judeus vão se apoderar do que é deles. Nestes dias quando ainda permanece a ameaça da internacionalização da Amazônia, então, essa preocupação está sempre na pauta dos habitantes da região. Não importa que isso nunca tenha ocorrido nos países onde os Judeus estiveram no passado.

Contudo, eles já estão integrados nesta mescla tão bonita e sábia que deu forma a população da Amazônia, e os tornou um povo tolerante, simples, hospitaleiro com relação à diversidade de etnias como os índios, quilombolas, ribeirinhos e os caboclos da região.

Hoje, ainda que o Judeu se sinta tentado a escapar da sorte que o colocou como um brinquedo da história, ele tem o compromisso com essa mesma história e com o passar dos séculos tem confirmado sua convicção de que “não deve dar-se por vencido o homem que optou ser diferente”. (É muito difícil porque a sociedade não aceita que sejamos diferentes e tenhamos os mesmos direitos).

Às vezes, permanecer sendo Judeu, sendo aquele que apenas por ser Judeu viu assassinado um terço do seu povo, representa um compromisso mais forte que o seu desejo egoísta de esquecer o passado e entregar-se aos prazeres da despreocupação nesta aventureira região, porque, ainda que insistam em ser diferentes, está em jogo, o conceito mesmo de ser humano.

Não existem razões justas para desconfiar daqueles que professam outras religiões.

Amar ao Brasil, a Espanha, Portugal, Israel, Itália ou qualquer outro lugar ao que se está sentimentalmente ligado por razões históricas ou intelectuais, não implica deixar de amar sua pátria e não poder manifestar sua

dedicação e lealdade àquele País que o viu nascer e quer ver prosperar seus filhos.

A Torah não contradiz isso!

Em um mundo onde a convivência do fraco com o forte e a Justiça Social não estão garantidos, o compromisso do homem é com todos os homens, não para que triunfem uns sobre os outros e imponham suas crenças, mas para que triunfe o pluralismo, o direito de todos os povos a permanecer sendo o que são e como são.

O Judeu luta hoje para ser aceito como ente coletivo. Sua participação individual é mais clara e evidente, porém com o tempo sua contribuição como entidade que tem depositado sua confiança no país será reconhecida, assim como seu empenho para vê-lo sair de suas dificuldades será reconhecida.

Sua dedicação à filantropia, não é só para aliviar a carga do Estado Brasileiro, e não apenas no que diz respeito à velhice, à saúde e à educação dos seus cidadãos Judeus menos afortunados, mas por sua contribuição generosa e o trabalho voluntário na constituição de entidades dedicadas a servir com esses fins as populações da Amazônia mais necessitadas e sua dedicada colaboração com instituições nacionais e privadas em matéria de saúde, educação, cultura, meio ambiente, pobreza, ciência, infância abandonada.

É indiscutível que a influência da nação no Judeu Brasileiro e Amazônida, sobrepassa a modesta contribuição de uma comunidade pequena e com apenas 200 anos.

São muitas e grandes as lições aprendidas pelos Judeus da Amazônia: a tolerância é uma delas, graças a qual, a maioria dos Judeus nascidos no país tem tido a mesma oportunidade que os demais amazônidas de chegar a receber inclusive educação superior, em muitos casos gratuita.

Essas qualidades insuperáveis levam a presença de outras, uma das mais valiosas conquistas do homem, a liberdade, que no Brasil, na Amazônia, se respira como o ar.

A informalidade, a simplicidade no trato, a hospitalidade, a amizade, a dedicação e respeito que dedicam aos anciãos, o que não é frequente em outros povos e sociedades, a limpeza corporal, o desempenho pelas artes

manuais, o sentido do ritmo, a sensibilidade artística, a facilidade de aprender e adaptar-se ao seu humor sadio, a delicadeza, a resignação com a que aceitam as dificuldades e as diferenças sociais chamavam a atenção dos recém-chegados.

Enquanto que a deliciosa culinária regional é absorvida pela gastronomia judaica local, mulheres judias conseguiram verdadeiros milagres adaptando os sabores dos pratos regionais aos seus cardápios, respeitando as leis da dietética mosaica.

Não há registros de aparecimento de manifestações antissemitas.

Durante a Cabanagem, contrariando alguns autores, o que sucedeu foi uma disputa pelo mercado competitivo.

Conclusão

Os Judeus da Amazônia, ao longo da história, estiveram sempre atentos, pesquisando seu passado, as ideias, o ideal e o mistério da sua sobrevivência, buscando no passado o sentido para suas realizações contemporâneas dedicadas à Amazônia, sem esquecer o Estado de Israel e o Sionismo que ocupa um lugar central na vida espiritual e tradicional da comunidade, para onde converge a satisfação pelos resultados morais das suas ações como Judeus Brasileiros e Amazônidas.

O particularismo da visão judaica não os restringe, ao contrário, permite relacionar-se com todos os segmentos da sociedade pública e privada, com Israel, e com as comunidades judaicas do mundo, através da divulgação da proposta do movimento sobre a temática Ecologia e Judaísmo, que estimula a abordar e investigar dentro da tradição ancestral, a temática humana e propicia a identificação simultânea do particular e o universal. E, conseqüentemente, proporciona também maior identificação e aproximação da população Judaica e seus descendentes com a comunidade e com a região, que não estão envolvidas nem com a política comunitária nem com a religião, porém se identificam com os valores universais, cuja fonte está no judaísmo; isto confere hoje à população Judaica da Amazônia a posição singular de cidadania.

Na Amazônia, os níveis de saúde, educação, habitação, previdência, lazer e outros que se constituem em indicadores do Bem Estar Social de um

povo, esse nível de Bem Estar é em função do grau de desenvolvimento alcançado pela região ou país em que essa população se acha inserida.

Há, portanto, a necessidade de conceber o “recurso humano” em uma acepção dinâmica, humana e social. O sucesso de uma política voltada para a Amazônia se caracteriza pela adoção do homem que nela habita, na qualidade de sujeito da ação política e não como objeto e vítima dessa ação.

O fato dos Judeus não terem perdido sua identidade judaica, depois de tantas gerações, participando como cidadãos Judeus Brasileiros da Amazônia em tempo em que ameaças de destruição e dominação se apresentam, ao mesmo tempo em que a sobrevivência da Amazônia e do planeta Terra tem significado para a humanidade e corresponde à responsabilidade de todos nós, é aí que surge o CISA – movimento formidável que vem de baixo pra cima, que reúne o povo e o governo em torno de ações solidárias e comuns e atua em benefício da Amazônia, tendo o homem da Amazônia como o centro de sua atenção, expandindo ações através da Ecologia Humana.

A ecologia na Amazônia surge como o grito dos povos, exemplo de identidade e cidadania em nossos dias.

Nós, Judeus da Amazônia, sempre buscamos a paz. Apesar das adversidades em nossa nação, no Brasil estamos identificados com um exército que combate doenças e promove educação, com generais que nunca fizeram uma guerra; são soldados de um país com vocação para a Paz.

Referências Bibliográficas:

BENCHIMOL, Samuel – *Estrutura Geo-Social e Econômica da Amazônia* – 1966.

Excedente Social – PLADES – UFPa/NAEA

BENTES, Abraham – *Das ruínas de Jerusalém a verdejante Amazônia* – Formação da 1ª Comunidade Israelita Brasileira – 1987

SERRUYA, Reina – *Filhos de Quem Somos* – 2000

BECHIMOL, Samuel – *Judeus no Ciclo da Borracha* – 1994

TORRES, Benigno Jorge Durval – *As Migrações Internas na Amazônia* –
1997 – UNAMA

BECHIMOL, Samuel – *Amazônia Formação Social e Cultural* – 1999